

## **Trocas de experiências entre professores: a interface Comunicação e Educação em suas práticas pedagógicas<sup>1</sup>**

Iris Y. Tomita<sup>2</sup>

Unicentro – Universidade Estadual do Centro-Oeste (Guarapuava/PR)

Rosa Maria Dalla Costa<sup>3</sup>

UFPR – Universidade Federal do Paraná (Curitiba/PR)

### **Resumo**

Pensar a interface Comunicação e Educação é sempre um desafio para o professor, considerando o mundo da atualidade mediado pelas relações comunicacionais, com muitas informações que entram no espaço escolar. O artigo pretende compartilhar reflexões em torno de inquietações pelas experiências vividas por professores de uma escola pública que demonstram interesse em aproximar a cultura da mídia à cultura escolar. Buscou-se em autores da Interface Comunicação e Educação apoio teórico que antecedeu a investigação empírica. Foram realizados encontros com professores que compartilharam suas dúvidas, conquistas e expectativas para aproximar a Comunicação de suas atividades pedagógicas. Foi sinalizado que os professores sentem-se mais à vontade em dialogar os dois campos de conhecimento no preparo das aulas e que, em grande parte, contam com o auxílio dos filhos para manusear os equipamentos.

**Palavras-chave:** Comunicação e Educação. Professores. Relato de Experiências.

### **Pensando a Comunicação e Educação**

“Como pensar um sistema educacional, a escola, o discurso pedagógico exercitado nas salas de aula, considerando esse mundo fortemente mediado pelas relações comunicacionais, em sua dupla face de sedução e desconforto?”. Essa questão, levantada por Citelli (2000) abre portas a outras questões: Como estabelecer uma relação entre tanta informação com o conhecimento? Como pensar, pois, a educação escolar trocando o giz por um mundo cheio de botões? É diante desse cenário de desafios que professores se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Formada em Comunicação Social, Publicitária, mestre e doutora em Educação pela UFPR, docente do Departamento de Comunicação Social da Unicentro – Universidade Estadual do Centro-Oeste. ([iris@unicentro.br](mailto:iris@unicentro.br))

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Informação e da Comunicação pela Université St. Denis Paris VIII. Professora Associada III da UFPR, DECOM, PPGE. ([rmdcosta@uol.com.br](mailto:rmdcosta@uol.com.br))

encontram quando entram numa sala de aula. Reconhecer essa cultura cheia de sedução, além de complexo é um desafio constante para quem está inserido no contexto escolar.

De um lado, os alunos, a cada ano, parecem mais apáticos ou distantes, talvez distraídos com *tablets*, celulares ou outro recurso tecnológico e, de outro lado, são alunos com muito mais informações, trazem expectativas e interesses diferentes, o que requer acelerar os passos para acompanhar o ritmo dessa juventude.

Green e Bigum (2002), por exemplo, apresentam um ensaio sobre o problema da juventude no campo educacional em uma pesquisa realizada na Austrália e questionam: Estão as escolas lidando com estudantes que são fundamentalmente diferentes dos de épocas anteriores? Em diversas situações a sensação de descompasso é frequente no cotidiano escolar e acompanha o pensamento de quem busca compreender a interface Comunicação e Educação. O histórico das pesquisas sobre a interface entre esses dois campos de conhecimento demonstra que a relação passou por momentos de distanciamentos e de aproximações, variando entre o encantamento e rejeição, por vezes sendo um assunto ausente dos debates escolares.

Apesar da dispersão conceitual e das diferentes denominações sobre a interface, todas essas vertentes reconhecem nela um fértil terreno a ser explorado diante do potencial de interação entre os dois campos de conhecimento. Independente da vertente, a interface pode ser encontrada na inserção de discussões da leitura crítica sobre os produtos midiáticos, na adequação dos recursos comunicacionais em sala de aula ou em outros tipos de prática e são essenciais para promover a reflexão e o questionamento, ajudando a construir olhares alternativos e a atribuir sentidos aos fenômenos da cultura midiática que nos rodeia.

Embora haja interesse em buscar o diálogo entre essas duas áreas de conhecimento, há ainda lacunas a serem superadas e desafios práticos para o trabalho docente. Para refletir sobre a educação escolar, vale considerar as relações interpessoais como uma dos pilares para o enfrentamento do desafio de transformar informação em conhecimento, considerando o papel da comunicação para o processo de ensino e aprendizagem.

Assim, apresentamos nosso interesse de aproximarmos de maneira mais específica e concreta da prática educativa a fim de verificar como esses debates estão sendo experienciados pelos professores que lidam com os desafios da relação Comunicação e Educação no cotidiano escolar.

### **Um breve cenário da cultura da atualidade**

Pensar a interface Comunicação e Educação na atualidade requer pensar a sociedade contemporânea em sua abrangência e complexidade em que os dois campos de conhecimento estão inseridos. Assim, vale considerar que os tempos atuais de mudanças rápidas remetem aos anos 1960, período em que o mundo passou a conviver com modificações culturais marcadas por tumultos gerados pelos movimentos sociais que desafiavam as formas estabelecidas pela hegemonia cultural dominante (KELLNER, 2001). Essas características apresentam perspectivas apocalípticas caracterizadas pelo pessimismo diante do processo de globalização da atualidade e apresentam também uma característica mais otimista e integrada, que sugere que o próprio movimento de pessimismo pode levar a novas perspectivas para transformar a realidade.

A agilidade da tecnologia contribui para esse movimento e exige que tudo seja instantâneo e funcione de forma intuitiva, em que a valorização da racionalidade abra espaço para o prazer, para a sensibilidade de se viver o agora, para a diversidade e subjetividades.

Essa diversidade é encontrada no campo da cultura. Enquanto há a tentativa de homogeneização pela cultura de massa, há possibilidades de resistências pela cultura popular que, mesmo não tendo em mãos os meios de participar plenamente da cultura de massa, encontra forças necessárias para reformá-la em sua própria cultura e em novos suportes tecnológicos que possibilitam a autoria e o protagonismo no processo comunicacional.

Essas importantes transformações culturais abrangem todas as dimensões da vida social. Hall (1997) fala de uma “revolução cultural”, entendida como a expansão das atividades, instituições e práticas culturais nas quais a cultura assume uma função determinante na organização da sociedade. As tecnologias e a revolução da informação têm um papel crucial nessa expansão das formas de produção, de circulação e de trocas culturais.

### **Pensar a cultura escolar**

O processo de ensino e aprendizagem envolve uma série de fatores complexos, afinal, é o processo pelo qual o homem produz conhecimento e permite que este seja compartilhado. Na escola, os alunos vêm dotados de conhecimentos prévios oriundos de sua experiência de vida, por uma diversidade de fontes. Cada vez mais, na sociedade da

informação, os alunos trazem na bagagem um repertório cultural marcado por referências como em nenhum outro momento histórico.

A realidade na qual se encontra o sistema escolar é complexa, visto que converge em seu espaço, uma diversidade de culturas com as quais os alunos convivem previamente em seu cotidiano. Na atualidade, compreender a educação escolar requer desafios constantes, pois sua história é marcada pelo reconhecimento de sua importância na socialização, por oportunizar sistematicamente, a apropriação dos conhecimentos acumulados pela humanidade.

Até pouco tempo na cronologia da humanidade, as referências trazidas para a escola tinham a família e a igreja como principais fontes. No século XX, os meios eletrônicos permitiram que por meio de som e imagens, as informações passassem a ser acessíveis a todos, sem a necessidade da escola. Nascia aí um grande desafio para a escola: lidar com alunos carregados de informações.

O papel da escola mantinha ainda sua função social de sistematizar as informações em conhecimento. Os desafios pelos quais a escola passou são decorrentes dos momentos históricos, refletindo a associação com o que ocorria com o mundo, afinal, a escola não pode ser analisada fora do seu contexto (ABRAMOVICZ, 1994). Sem necessariamente assumir o papel de reprodutores do sistema, outras instâncias passam a fazer parte do jogo, confirmando que “os componentes do todo social tem uma função de conservação e reprodução do equilíbrio do sistema” (ENGUIITA, 1989, p. 138). O papel idealizado da escola como instituição oficial de formação dos cidadãos contribuiu para omitir interesses de instâncias sociais vinculadas ao poder da classe dominante e ao poder político e econômico.

A educação escolar oferece oportunidades de confronto e pode desempenhar um papel diferenciador nesse aspecto. Apesar das forças de ação reprodutora, a escola aparece como um espaço privilegiado porque possibilita um ambiente favorável à resistência, ao confronto e ao contato com as diferenças (GIROUX, 1983), pois “a escola é uma instituição social especializada. Enquanto instituição social, não pode dar [...] uma educação desligada das realidades sociais” (CHARLOT, 1983, p. 152).

Talvez aí resida a resistência que ainda respinga no nosso século XXI: o controle. Instituições formais como família, igreja e escola passaram a não ter mais o domínio dócil esperado dos pequenos. Esses agora passaram a ser educados pela televisão, pelo

computador, pois, como num ciclo vicioso, esses aparatos tecnológicos passaram a fazer companhia aos filhos enquanto os pais saíam de casa para trabalhar (PEREIRA, 2002).

Dessa forma, as informações antes controladas para serem passadas às crianças quando estas estariam preparadas segundo o juízo dos pais e professores, escapavam entre os dedos, afinal, essas informações chegavam até mesmo antes aos pequenos. As novas gerações já cresceram com essa racionalidade, o que gera novo comportamento. E isso se reflete nas salas de aula tradicionais, ambiente em que os alunos apresentam comportamentos indisciplinados diante da inquietude e da vontade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

O aluno traz para a escola suas experiências nesse ecossistema comunicativo<sup>4</sup>, que envolve uma forma de lidar com essa materialidade comunicativa, mudando a percepção, a forma de aprender, a forma de pensar.

Há uma grande carga de informações que, expostas em excesso, podem resultar em vazio se não forem transformadas em conhecimento. Baccega (2004) ressalta a importância da escola em favorecer a passagem das informações em conhecimento por meio do resgate dos contextos em que a informação está inserida, o que permite uma relação com a sua totalidade, caso contrário, fica reduzida a uma mera informação fragmentada.

### **Pensar a cultura da mídia**

A cultura da mídia refere-se não apenas ao interesse restrito contemporâneo, outrossim por tratar-se de uma cultura inextricavelmente entrelaçada com os temas centrais do pensamento social da modernidade, do processo de modernização. Essa cultura é um vetor fundamental para a modernidade e para refletir sobre a modernidade, desde questões sobre necessidades como de identidade, relações de poder e representação, para pensar a desigualdade, o individual e o coletivo.

Os conceitos atrelados à ideia de cultura da mídia foram sendo modificados à medida em que novas perguntas requisitavam novas respostas para o papel que essa cultura representa na contemporaneidade.

A tecnologia de comunicação, com toda sua característica paradoxal, trouxe a dúvida se era um bem criado pela humanidade com tantas facilidades que oferece ou se foi um mal que aprofunda as marcas doloridas como o desemprego e a acentuação das

---

<sup>4</sup> O termo ecossistema comunicativo é apresentado por Martín-Barbero (2003) como o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos, constituído de um conjunto de linguagens e saberes que circulam pelos diversos dispositivos midiáticos.

desigualdades. Ela nos mostra que a dicotomia entre bom e mau tem seus territórios diluídos, apontando uma forma de compreendermos que nada é puramente bom e nada é puramente mau. Além disso, provocaram mudanças em especial nos tradicionais campos do saber, antes inacessíveis.

Esse cenário contribui de forma significativa para ilustrar alguns dos motivos que levaram a olhares desconfiados sobre os produtos divulgados pela mídia, os quais, por meio de imagens e linguagem sedutoras, atraem um grande público para uma cultura de imagens em detrimento das letras, ressaltando as características fragmentadas, de entretenimento e com fortes vínculos políticos e mercadológicos.

Neste aspecto, compreender que a cultura da mídia faz parte de um processo, vale deslocar os olhares sobre os conteúdos e intencionalidades da comunicação e refletir também sobre as mediações que participam do processo, representadas pela família, pelos grupos, pelas escolas na relação entre os meios de comunicação e os receptores, ou seja, considerar além dos estudos dos meios, os estudos das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Ao fascínio exercido pela cultura midiática, Adorno e Horkheimer dedicam grande parte de seus esforços ao falar da indústria cultural, destacando a característica e o papel desempenhado pelos meios para reforçar o domínio exercido pela cultura a ser disseminada. De acordo com os autores, a cultura da indústria cultural perde sua característica de cultura, pois a mesma é disseminada e não compartilhada, ganhando característica de uma mercadoria paradoxal, pois está “completamente submetida à lei de troca que não é mais trocada [pois] o que se poderia chamar de valor de uso na recepção dos bens culturais é substituído pelo valor de troca” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 148-151).

A crítica da mídia foi fortemente difundida e compartilhada, pois os esclarecimentos propostos pela teoria crítica deixaram evidente o falso papel de neutralidade na divulgação de informações. A cultura contemporânea é marcada por uma

cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade (KELLNER, 2001, p. 9)

pois fornece modelos “daquilo que significa ser homem ou mulher, bem sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente” (ibid.).

Essa cultura é industrial e interessada na acumulação de capital. Por estar sempre presente no cotidiano das pessoas a cultura da mídia tem sido uma das preocupações da atualidade. É uma atividade que move a economia, que mistura cultura e tecnologia, produzindo novos tipos de sociedade. Nessa cultura dominada pela mídia, acredita-se na necessidade de se ensinar como se comportar de modo crítico, resistindo à manipulação e permitindo a autonomia dos consumidores.

Analisar a cultura requer compreender a sociedade, pois a cultura é construída pelas relações sociais, por suas semelhanças e diferenças que passam a ser compartilhadas coletivamente. Com essas bases, uma pedagogia crítica da mídia pode

possibilitar que os leitores e os cidadãos entendam a cultura e a sociedade em que vivem, dar-lhes instrumental de crítica que os ajude a evitar a manipulação da mídia e a produzir sua própria identidade e resistência e inspirar a mídia a produzir outras formas diferentes de transformação cultural e social (KELLNER, 2001, p. 20).

Os Estudos Culturais privilegiam a cultura como o objeto central de estudo, mas diferenciam-se na definição de cultura, exigindo uma concepção mais ampla, questionando a visão frankfurtiana que faz referência ao século XVIII, a época das luzes, em que a razão teve seu período de primazia e havia o privilégio da divisão hierárquica entre cultura superior e cultura inferior, ganhando então, mais consistência no contexto histórico.

Escosteguy (2001) contribuiu reforçando que,

por acentuar a natureza diferenciada da cultura, a perspectiva dos estudos culturais britânicos pode relacionar a produção, distribuição e recepção culturais a práticas econômicas que estão, por sua vez, intimamente relacionadas à constituição do sentido cultural (p. 156).

Nesse processo, percebe-se uma tendência ao condicionamento da atividade criativa, o que não significa dizer que a cultura sofre de uma dependência exclusiva dos fatores econômicos.

Dentro dos Estudos Culturais, as atenções também são voltadas para o campo midiático, que cada vez mais vem consolidando sua participação na formação cultural da atualidade. A mídia é um fruto da modernidade que trouxe novos ritmos, novas perspectivas e, por seu poder de sedução, é presença marcante no cotidiano das pessoas. Analisar a cultura da mídia é oportuno pelas transformações culturais por ela geradas,

associadas ao desenvolvimento das sociedades modernas. Partindo dessa perspectiva, Kellner (2001), um dos pesquisadores dos estudos culturais, considera imprescindível

analisar de que modo determinados textos e tipos de cultura da mídia afetam o público, que espécie de efeito real os produtos da cultura da mídia exercem, e que espécie de potenciais efeitos contra-hegemônicos e que possibilidades de resistência e luta também se encontram nas obras da cultura da mídia (p. 64).

### **A comunicação em espaço escolar**

O contexto escolar é um espaço privilegiado para compreender a relação humana bem como essa compreensão possibilita vislumbrar melhorias no processo de ensino e aprendizagem. Para compreender as relações interpessoais vale considerar que é na comunicação e no estabelecimento de sua relação com o outro que o homem reforça sua característica de ser social.

Vivemos numa sociedade de informação em que a educação é fruto do encontro de várias fontes de trocas de informações e vivências. O educativo e o comunicativo estão intimamente vinculados porque o tempo que passamos com as mídias é maior que o tempo que passamos num banco escolar. Diante dessa exposição, a problemática da aprendizagem reside em não termos certeza do que estamos aprendendo diante de tantas informações.

A mediação da tecnologia foi fundamental para uma nova perspectiva de comunicação. Os meios de comunicação estão incorporados no mundo do trabalho, nos momentos de lazer, no cotidiano, nas relações pessoais, ampliando e oportunizando alternativas para a capacidade comunicativa das pessoas.

Hoje, a cultura é compartilhada por mediações que, quase necessariamente, perpassam os meios tecnológicos. Para entender o mundo, Barbero (2003) diz sobre uma mudança de época complexa progressivamente diferente de outras épocas. Estamos percebendo esse impulso de grande mutação possibilitada pela tecnologia da comunicação.

Manuel Castells destaca esse momento como sociedade do conhecimento, em que a informação ocupa o centro das trocas sociais e ajuda a produzir conhecimento de outras maneiras. Já Barbero afirma que, mais que informação e conhecimento, estamos numa sociedade de educação. Estamos agora diante de um sistema educativo com as distintas vantagens cotidianas, porque ocorre o descentramento da educação como produto do ato de ensinar exclusivamente formalizado.

## **Aproximações e distanciamentos da educação escolar e da comunicação**

O histórico da relação entre as áreas da Educação e da Comunicação é marcado por momentos de distanciamento e de aproximação. No comum interesse de buscar uma inter-relação, diversas ações acadêmicas foram sendo desenvolvidas, seja para acompanhar o ritmo desenfreado dos avanços tecnológicos e comunicacionais do mundo além dos muros escolares, bem como para recuperar a defasagem pelos distanciamentos entre as duas áreas durante um grande período.

Segundo Orózco-Gomez (1997), “a escola e a família, enquanto instituições especificamente encarregadas da educação são talvez as mais desafiadas pela presença dos modernos meios e tecnologias de informação” (p. 57). A escola encontra aí seu papel comprometido frente à concorrência com a mídia.

Mais do que aproximar as linguagens, a prática ultrapassa a proposta de somente colocar a TV como um recurso didático. Apesar da tentativa de aproximar a linguagem, “a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica” (MARTÍN-BARBERO apud SOARES, 1999, p. 61). Este tipo de ação é um mero pretexto para camuflar um problema mais enraizado do que só falar a língua da mídia: o problema encontra-se na incompatibilidade não só de linguagem, mas de metodologias de diálogo. Caso contrário, a aproximação da comunicação com a educação fica restrita à sofisticação do ensino autoritário.

O pedagogo brasileiro Paulo Freire (2005), considerado um dos pensadores que mais aproximou a educação da comunicação, deixou claro que a comunicação é fundamental para o processo educativo, cabendo ao professor o papel de mediador e não de um disciplinador que impõe idéias e estabelece modelos de comportamento. Para ele, o diálogo deve ser constante no processo de ensino e de aprendizagem, em que ser dialógico

é vivenciar o diálogo [...] é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em ‘seres para outro’ por homens que são falsos ‘seres para si’ (FREIRE, 2002, p. 43).

Vivemos um momento de passagem de formas de pensamento, pois novas propostas estão sendo construídas e estudadas para atender às mudanças que o mundo nos oferece. Por isso, as solidificadas formas de pensamento hierárquico têm sido questionadas, pois o próprio império da hegemonia e da homogeneidade provoca novos movimentos, questionando o que é o certo, o verdadeiro, o distante, em busca de um sistema mais democrático e igualitário por meio de identificação de possibilidades de integração comunicação/educação.

### **A interface Comunicação e Educação: a troca de experiências**

O início da pesquisa empírica foi motivado pelo interesse em compreender de que forma a relação Comunicação e Educação se faz presente nas práticas pedagógicas. Foi escolhido o colégio que mais mantém professores participantes de cursos de formação continuada com temática relacionada à interface Comunicação e Educação.

O colégio selecionado está localizado na região central do município de Londrina, um dos maiores do Estado do Paraná. O colégio é visto pela comunidade como um dos mais antigos e importantes colégios públicos da cidade, identificado por seu tamanho, por sua estrutura física e por sua localização privilegiada.

Ao escolher estudar grupos é importante observar indivíduos que interagem e que se identificam umas com as outras, partilhando expectativas e representações. No entanto, pelo fato de estarem juntas em um ambiente não significa que partilham as mesmas coisas ou e que se forme efetivamente um grupo. A investigação em grupo abre espaço a confrontos, conflitos, negociações, conhecimentos de pontos de vistas, enfim, um espaço informal inspirado no exemplo metodológico dos círculos de cultura de Paulo Freire (2005) com o intuito de promover o intercâmbio de ideias e o encontro de diferentes saberes para estabelecer a comunicação entre os interlocutores. Após aceitarem participar, foi dado início ao encontro de diálogos proposto, assegurando-lhes sigilo sobre a identificação e uso dos conteúdos restritos à pesquisa em questão.

Os procedimentos adotados são similares aos descritos nos conceitos da pesquisa qualitativa com base em grupos focais, pois objetiva perceber aspectos valorativos que são referência de um grupo em particular, como uma espécie de entrevista coletiva que busca mais compreender e não inferir (COSTA, 2006).

A escolha pelos procedimentos inspirados no Círculo de Cultura de Paulo Freire (2005) levou em consideração a possibilidade de contribuir para a educação dentro de um processo humanizado, no qual cada participante pudesse perceber-se um construtor de sua própria história, promovendo a reflexão sobre a realidade a partir da reciprocidade de consciências.

Encontramos nessa metodologia uma sintonia com os embasamentos da pesquisa, pois vem ao encontro dos interesses de estudos sobre a interface Comunicação e Educação, que encontra no diálogo a oportunidade de uma relação horizontalizada, sem imposições e sem direcionamentos, em que cabe ao educador criar condições favoráveis para a dinâmica do diálogo. Freire (2002) destaca que o diálogo deve estar presente em todas as instâncias, pois é a comunicação que possibilita colaboração. Por isso, o encaminhamento metodológico levou em conta o diálogo e o compartilhamento de experiências em uma pesquisa qualitativa.

Ao todo foram 17 professores participantes, de diferentes disciplinas, com dois professores da área de Ciências Exatas, dois professores da área de Ciências Biológicas e 13 professores da área de Ciências Humanas. Não foi objetivo dessa conversa realizar uma análise do uso de recursos comunicacionais nas escolas, mas, ao tentar compreender o modo como os sujeitos envolvidos se relacionam com as tecnologias, não se pode prescindir de tentar compreendê-los a partir de seu contexto e das interações que vivenciam e vivenciaram na escola.

Para analisar as falas dos professores, buscou-se apoio na Análise de Conteúdo, cujo conjunto de técnicas traz à pesquisa científica das ciências sociais um instrumento possível para tratamento de dados. Embora seja uma característica do método da Análise de Conteúdo procurar um texto atrás de outro texto, a presente investigação não tem intenção de realizar uma análise em profundidade para desvendar o implícito em cada fala, mas sim, os outros textos que residem no movimento dos discursos e das opiniões que circulam na situação do diálogo entre os sujeitos durante a pesquisa.

As falas dos participantes revelam que, a maioria dos professores consideram uma aproximação necessária, em alguns casos com certo otimismo em excesso, como por exemplo: *“Maravilhoso! O aluno sabe se expressar melhor por esses recursos”* (professor 01), *“Eu acho um escândalo! Me causa espanto. Tenho muita dificuldade, peço ajuda para montar slides com fotos. É um benefício. Acho o visual importante para a aprendizagem* (professor 02), *“É como uma luz no fim do túnel”* (professor 10).

É evidente que em um grupo de 17 professores surjam opiniões diferentes e que devemos ficar atentos quanto ao otimismo e o pessimismo em excesso, lembrando, nem tão apocalípticos, nem tão integrados. Nessas falas, percebe-se por exemplo que o professor 06, demonstra preocupação por considerar que os agentes da educação escolar, professor e alunos, ainda não estão preparados para lidar com esses recursos. Alguns professores foram reticentes, menos otimistas, ao falarem: *“Não tenho opinião formada. Uso para dizer que uso. Não vejo melhoria na qualidade da aprendizagem. O aluno vem cada vez mais defasado, disperso, perde facilmente o fio da meada. Uso adaptação de obras literárias em filmes para fazer o aluno perceber a diferença. O ensino fica mais atrativo, mas o professor e o aluno não estão preparados* (professor 06).

Uma observação constatada foi o fato de, independente de considerarem a aproximação benéfica ou não, todos demonstram interesse em conhecer a inter-relação. Inclusive, a questão da diferença etária não se manifestou como um dado que revele mais facilidade ou uso por parte dos professores mais jovens.

Quando foram indagados sobre a forma como a interface Comunicação e Educação faz parte da prática pedagógica, foi sinalizada que, embora tenham interesse, a falta de domínio técnico foi relatada como o principal empecilho para que a interface fosse mais presente. Somente um dos professores disse não fazer nenhum tipo de uso, a exemplo do professor 17 *“Não faço uso e não tenho interesse”*. Outros levam produtos midiáticos para exemplificar conteúdos ou abrir debates, mas a maioria dos professores diz que é no preparo das aulas que fazem mais uso. Um dos principais motivos é uma suposta “vergonha” de não ter domínio em sala de aula, ou por receio de o equipamento falhar: *“Uso como referência, mas em sala de aula fiz algumas tentativas, a maioria frustrada. Acho que o aluno presta atenção no começo, mas logo enjoa”* (professor 11). O professor 01 diz: *“Uso muito a internet e revistas só para preparar as aulas. Não uso nada em sala de aula, pois tenho muita dificuldade para usar. Mas peço que os alunos apresentem trabalhos com esses recursos.”*; *“Procuro curiosidades na internet e para elaborar atividades. As mídias trazem informações, queria fazer mais uso em sala de aula, preciso fazer cursos, mas não sobra tempo. Talvez depois que eu me aposentar. Acho que ainda esses materiais são usados para ilustrar e deixar a aula mais bonita, só mudou o olho do quadro para a TV”* (professor 02); *“Acho que preparar aulas com produtos midiáticos muito legal, mas consome muito tempo e acabo desistindo. Uso materiais em sala de aula, como a propaganda que é curta, mas nunca pensei em pedir ao aluno produzir”* (professor 03). Quase todos mencionam o fato de buscar inspiração em produtos da mídia e somente

dois deles afirmam que desenvolvem projetos que estimulem a produção realizada pelos alunos: O professor 12 diz que “*Gosto de desenvolver projetos que integrem vários tipos de mídias, apesar de encontrar muitos alunos que dizem preferir provas convencionais.*” Já o professor 07 diz: “*Assisto desde filmes, documentários, músicas, matérias da internet. Gosto muito e utilizo muito todos os tipos de recursos possíveis para fazer o aluno experimentar outros sentidos sem ser exclusivamente minha letra e minha voz. Estimulo produção feita pelos alunos pra experimentarem tatos, cheiros, acho que essas experiências marcam mais a aprendizagem*”.

Vale lembrar que as respostas não ocorreram da forma linear como transcritos aqui no presente trabalho. Foram extraídas as ideias centrais, respeitando literalmente suas falas.

### **Considerações**

Este trabalho foi desenvolvido com o objetivo de compartilhar as falas dos professores sobre o tema que cada vez mais vem ocupando espaço na rotina escolar. Aos poucos, os professores se veem cercados por um universo novo, com o qual precisa lidar. Para compreender essa dinâmica, a interface Comunicação e Educação deve ser analisada dentro de um contexto em constantes mudanças em todas as dimensões sociais e culturais. A escola como um sistema complexo, se torna um palco de oportunidade de diálogos e tem reconhecimento de sua importância pelo papel privilegiado na socialização e na sistematização dos conhecimentos por onde converge em seu espaço a diversidade cultural.

Esse quadro de experiências sobre a interface foi um convite para buscarmos os olhares de quem trabalha com a prática escolar. Ao ouvir a fala dos professores, compreende-se que no cotidiano e nas rotinas escolares reside um importante movimento que vem ao encontro dos Estudos Culturais de reconhecer os saberes que emergem de suas leituras de mundo, assentados numa educação em que pessoas comuns têm seus saberes valorizados.

Diante das dificuldades relatadas pelos professores em aproximar a cultura midiática à cultura escolar é possível estabelecer relação sobre o modo como pensam a interface e como a cultura escolar possibilita sua efetivação em sala de aula. Promover a interface Comunicação e Educação vai além de ilustrar, levar produtos midiáticos, criticar o poder de manipulação dos conteúdos da mídia ou mesmo de ter domínio técnico para usar

botões: a interface em sala de aula promove o enriquecimento de diálogo no confronto de diferentes culturas, num espaço privilegiado para debates.

## Referências

ABRAMOVICZ, M. **Avaliação, tomada de decisões e políticas**: subsídios para um repensar. Estudos em avaliação educacional. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1994.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1985.

BACCEGA, M. A. Da informação ao conhecimento: resignificação da escola. Porto Alegre: **Anais XVII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**, 2004.

CHARLOT, B. **A mistificação pedagógica**. Realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. 2.ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CITELLI, A. O. **Comunicação e Educação**. A linguagem em movimento. São Paulo: Senac, 2000.

COSTA, M. V. Currículo e controle social. In: COSTA, M. V. (org.) **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001 (p. 37-68).

ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola**. Educação e Trabalho no Capitalismo; trad. Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989, p. 133-159.

ESCOSTEGUY, A. C. D. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, A., MARTINO, L. C. e FRANÇA, V. V. (orgs.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, Vozes, 2001, p.151-170.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIROUX, H. **Pedagogia Radical**. Subsídios; trad. Dagmar. M.L. Zibas, São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1983.

GREEN, B.; BIGUN, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**. Um introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz T. Silva e Guaraciaba L. Louro, 8.ed, Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc. 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTÍN-BARBERO, J.. **Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

OLIVEIRA, I. B. de., SGARBI, P. **Estudos do cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ORÓZCO-GOMES, Guilherme. Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. **Comunicação & Educação**. ano III, n. 10, Editora Moderna/USP, 1997, p. 57-68.

PEREIRA, R. M. R. **Infância, televisão e publicidade: uma metodologia de pesquisa em construção**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 116, p.81-105, 2002.

SILVA, T. T. O currículo como artefato social e cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidades Terminais**. As transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_ (org.) **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, I.O. **Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Brasília: Contato, ano 1, n. 2, 1999.